

Política

BRASIL

Além dos jornalistas, três fiscais da Receita Federal esperavam pelo avião do presidente, ontem de madrugada em Brasília. Nada encontraram, mas o constrangimento foi grande. E ninguém sabe quem os mandou fazer a vistoria.

Uma surpresa na chegada de Sarney

O constrangimento foi total na Base Aérea de Brasília, à chegada do presidente Sarney e comitiva provenientes de Nova York. À espera do avião presidencial, um Boeing 707, suspeito de trazer em seu bagageiro computadores com venda proibida no Brasil pela Lei da Informática, estavam três fiscais da Receita Federal, nada discretos com seus coletes pretos e a inscrição em laranja "Receita Federal-Alfândega".

"Isso é rotina, estamos sempre aqui", argumentaram eles, embora ninguém se lembrasse de fato semelhante em viagens internacionais do presidente da República. Quase calados, os funcionários passaram a fazer a vistoria das bagagens e deixaram a clara impressão de que tudo não passava de jogo de cena, destinado a provar que a comitiva nada tinha a esconder. O trabalho dos três — dois homens e uma mulher — durou da 1h20, quando o avião pousou, até as 3h, quando foi liberada a última mala. E o porta-voz presidencial, Carlos Henrique de Almeida Santos, jurava de pés juntos não saber de onde partira a inédita ordem de fiscalização.

"Só comprei aspirina Buffe-

rin", explicava ao descer o deputado Milton Reis (PMDB-MG), carregando uma bolsinha que dizia ter recebido no avião. Reis, aliás, foi dos últimos a sair da Base, com uma mala grande e outra menor, gritando para os jornalistas: "Aqui está, é uma maleta bem pequena". Alguns, como a deputada Márcia Kubitschek (PMDB-DF), cochilaram enquanto esperavam a fiscalização. Já o ministro das Relações Exteriores, Abreu Sodré, dava entrevistas defendendo a candidatura do governador Orestes Quércia a presidente da República.

Sarney, depois de ser recebido pelo deputado Ulysses Guimarães, ministros e parlamentares, acabou indo embora sem dar qualquer declaração, limitando-se a acenar e a sorrir.

Os lamentos e reações ficaram a cargo do porta-voz Carlos Henrique que criticou a atuação dos colegas em Nova York, lembrando seus 22 anos de jornalismo. Segundo ele, os repórteres dedicaram lá maior atenção ao acidente aeronáutico que não houve (a possibilidade de colisão do avião presidencial com um Jumbo japonês que manobrava na



Foto: EBN/José Cruz.

Logo depois, Sarney foi embora. A comitiva, não.

pista do aeroporto à chegada) e ao computador que não existia. "Isso sugere uma reflexão mais profunda a respeito da natureza do nosso ofício", ensinou Carlos Henrique, lembrando até mesmo de colegas torturados durante a ditadura militar para ilustrar sua tese de que a imprensa não está sabendo usar a liberdade de que dispõe.

Porteiro de Hotel

Para o porta-voz, os repórteres que atuaram em Nova York

menosprezaram temas importantes da viagem presidencial, citando como exemplo a negociação da dívida externa, que teria avançado bastante durante a permanência de Sarney nos EUA; e o compromisso formal do presidente, assumido na tribuna das Nações Unidas, de lutar pelo desarmamento da América Latina.

Na opinião de Carlos Henrique, os jornalistas brasileiros tentaram transformar Sarney "em porteiro de hotel ou fiscal de al-

fândega", numa referência à pergunta, durante a entrevista coletiva, anteontem, sobre a existência de caixotes de computadores prontos para embarque rumo ao Brasil no avião presidencial.

O porta-voz assegurou que nenhum tipo de computador — "IBM, Sony ou Toshiba" — foi contrabandeado pela comitiva. E como prova disso garantiu ter feito uma vistoria, pessoalmente, em todas as bagagens, nada encontrando de suspeito. Lembrou ainda ter desafiado os jornalistas a indicar o local onde os membros da comitiva teriam comprado equipamentos eletrônicos e computadores e "ninguém se dispôs a confirmar". Por isso, ele disse ter sentido "uma profunda decepção" com o comportamento da imprensa brasileira.

Outra cena

Mas o jogo de cena da Alfândega na madrugada de ontem na Base Aérea de Brasília não terminou com a saída dos passageiros do Boeing 707. Três horas depois aterrissava o Boeing 737, o chamado avião de reserva, trazendo o pessoal de apoio da Presidência da República, umas 30 pessoas, na maior parte agentes de seguran-

ça. Também desta vez ninguém viu computadores ou outro tipo de contrabando, mas apenas sacolas de shopping. Mesmo assim, os diligentes fiscais da Receita, em meio ao constrangimento geral, entraram em ação. "Vocês deveriam explicar também como eles entraram no País", atacou um dos funcionários recém-chegados apontando para os equipamentos de televisão que registravam a cena.

O caso também chegou à Constituinte, onde o deputado Adilson Motta (PDS-RS) encaminhou à Mesa requerimento de informações a ser respondido pelo ministro-chefe do Gabinete Civil. O parlamentar quer saber quantos dólares foram, fornecidos pelo Banco Central a cada integrante da comitiva presidencial na viagem a Nova York; e qual é o relatório da Alfândega sobre a fiscalização da bagagem feita ontem, na volta. Esses pedidos, no entanto, demoram muito para ser atendidos, tanto que só agora a liderança do PDS está recebendo respostas de alguns dos 600 requerimentos apresentados pelo deputado Amaral Neto (RJ) há mais de dois anos.